

Gilbert Simondon

Por

Jean-Clet Martin. Em *100mots pour 100 philosophes* (447-451)

Simondon tinha o espírito de um técnico, ao ponto de, na escola em que exercia a filosofia, querer substituir o professor de física sempre que podia, instalando no subsolo do estabelecimento um agenciamento de aparelhos que não preexistiam à montagem em que ele os fazia entrar. Doravante, a técnica sai o mundo da infância e da brincadeira para se tornar um modelo filosófico, uma figura de construção do mundo. Para o técnico, nada é já pronto, as próprias máquinas devem ser construídas em vista do processo de elaboração da coisa a produzir. A vida é uma grande máquina, o plano de montagem que serve para definir um funcionamento, e este plano entra em concorrência com outros arranjos igualmente possíveis que, a partir das mesmas peças, vão chegar a resultados e efeitos absolutamente diferentes. A instalação do dispositivo técnico é suscetível de muitas combinações de que é depositário. Estas vão se atualizar diferentemente em função do problema a resolver e das limitações encontradas, dobráveis e moduláveis à vontade.

A individuação das máquinas passa, portanto, por fases que permitirão a Simondon repensar a evolução da natureza e suas profundas mutações. Um dispositivo técnico é, antes de tudo, uma montoeira de membros disparatados e de fragmentos que se espalham em todos os sentidos sem unidade nem individualidade. É a função a ser obtida que lhes fornece uma individualização. Mas esta função não é exterior à matéria, como seria uma causa final. Antes de aparecer, ela entra em conflito com uma quantidade importante de processos em rivalidade. Eis porque Simondon considera o mundo como uma multiplicidade espalhada em todos os sentidos e que não possui, ainda, nenhuma individualidade. À imagem do modo de individuação dos objetos técnicos, o ser, ou a natureza são fundamentalmente desprovidos de essência. Nenhuma essência, que seria já dada, lhes precede. Nenhuma finalidade já realizada. Tudo passa pelo terreno acidentado do experimento, da improvisação.

O mundo é uma disposição pré-individual, no interior da qual, nada é ainda distinto, individuado. É como a argila. Nesta argila indiferenciada pode se realizar uma moldagem que atinge, por exemplo, à individuação de um tijolo argiloso. A emergência de um tijolo deste tipo supõe, de fato, a tensão de duas forças que se afrontam. A argila não se torna um tijolo recebendo uma forma do exterior. Ela já tinha uma certa disposição para realizar tal composição mais do que outra. A natureza não tem artesãos externos e as escamas, os corais não aguardaram por nenhum arquiteto. Semelhantes aos tijolos, os corais se prestam a uma modulação, sendo dobráveis,

deformáveis. A natureza é maleável, argilosa, aberta a uma transformação interna sem a qual não poderíamos modular nenhuma forma.

Se o mundo é feito de tijolos, o tijolo só existe porque ele era, inicialmente, macio. E o molde não se impõe a ele como um princípio que difere de sua matéria. O mundo é uma combinação de moldes muito diferentes. No entanto, nenhum molde vem de Deus. O molde, o modelo obtido, é somente o limite imposto a uma deformação, quando a pressão é tal que não podemos mais comprimir a matéria, de modo que é a terra que se informa, toma forma por si mesma como em uma estrutura dissipativa. Assim, a lava em fusão, quando sua distribuição não mais ocorre, experimenta uma pressão que, por seu esfriamento, vai adotar, assim como uma colmeia, certas estruturas ou alvéolos. São elementos comparáveis aos tijolos obtidos pela deformação da argila sob uma pressão considerável. Também como a fumaça de um cigarro, numa pequena sala, constitui uma camada que, não encontrando mais espaço, dá lugar a volutas de uma certa forma. Isso se produz, aliás, no menor *irish-coffee*. A diferenciação obtida será interior à matéria e revelará as potencialidades da individuação dela.

O mundo é feito de tijolos e o tijolo vai esposar outros tijolos para fazer um muro. Em cada processo da natureza, é preciso imaginar uma modelagem inicial que poderá permitir a outros elementos, do mesmo gênero, aí se aglutinarem. É o caso do cristal ou da pérola que, a partir de um pequeno germe, cresce na água segundo todas as direções e, segundo a forma inicial, cada camada molecular, já realizada, serve de base estruturante para aquela que está se formando. Os elementos individuais, a figura dos tijolos não são dadas, eles se formam progressivamente e se aglutinam segundo redes que só existiam de modo potencial num líquido superfundido.

Para compreender: observemos a água cuja temperatura está abaixo de zero, mas que ainda não chegou a congelar. O menor desequilíbrio, o menor choque, a modificação de sua pressão, vão romper este equilíbrio bastante instável, transformando subitamente o líquido em gelo. Tudo se cristaliza num instante. Mas esta rede cristalina vai dar liga, congelar, em função de um impulsor, um grão de poeira possuindo uma forma comparável a das moléculas que compõem o líquido. Um germe deste tipo explica perfeitamente a aparição dos desenhos de samambaias e plantas sobre os vidros gelados. O conjunto poderia tomar um outro aspecto e se informar segundo outras vias que existiam virtualmente na água ainda não congelada. Algumas dentre elas não chegaram a se constituir, mas teriam provavelmente se imposto sob uma maior pressão ou sob uma temperatura inferior. A água em estado de solidificação continha virtualmente todas as potencialidades de sua cristalização, mas vai escolher somente uma direção de contração, uma única orientação da rede cristalina em função da

angulação que o germe realiza ou da pressão estabelecida no recipiente. Há aí uma vida pré-individual, um jogo de forças apaixonante que se encontra suspenso num espaço prévio nunca visado pela filosofia, quando ela se dá substâncias feitas em lugar de considerar suas formações e seus devires.

O que se passa neste espaço pré-individual é, sem dúvida, caótico e nada tem a ver com os indivíduos já realizados, com os que temos o hábito de pensar quando falamos de corpos, átomos ou de coisas. Ocorre o mesmo como espírito, para o psiquismo que não possui figuras, pensamentos e caracteres prontos, mas se compõe de dinamismos em plena individuação ou em perpétua evolução. Próximo de Spinoza ou de Schelling, Simondon considera que o Pensamento funciona de maneira comparável ao Ser seguindo processos de individuação que não podemos distinguir, como supunha Descartes ao se conformar com a tradição que fazia da alma uma substância diferente do corpo. Enquanto Descartes faz do corpo uma máquina, sem compreender que a robótica é uma forma de individuação viva, Simondon reexplora a natureza de modo completamente diferente. Ele a considera como uma máquina que não para de se renovar segundo outras formas de individuação, outras potencialidades: uma gênese de indivíduos, feita de tijolos para estabelecer sociedades cujos membros se aglutinam à maneira do cristal ou da samambaia sobre um vidro gelado.

INDIVIDUAÇÃO